

“TUDO QUE VOCÊ TOCA, VECÊ MUDA”: A REPRODUÇÃO DO CENÁRIO CAPITALOCÊNICO E AS ESTRATÉGIAS DE REVERSÃO DAS CRISES ECO-SOCIAIS NA DUOLOGIA *SEMENTE DA TERRA*, DE OCTAVIA BUTLER

LUIZA DA SILVA SOUZA¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES³

¹Universidade Federal de Pelotas – souzaluiza@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

As consequências da interferência humana sobre o clima e a biodiversidade terrestre têm causado danos irreversíveis e seus efeitos atingem âmbitos não só ecológicos, mas também sociais, econômicos e culturais. É o que a duologia *Semente da Terra* de Octavia E. Butler alerta em suas duas distopias: *A Parábola do Semeador*(1993) e *A Parábola dos Talentos*(1998). Em um futuro não muito distante, os moradores dos Estados Unidos encontram-se em meio a um espaço apocalíptico que se desenvolveu como resultado das constantes explorações dos recursos naturais induzidos pelo sistema exploratório capitalista. Nas obras são mostradas descrições de uma sociedade estadunidense onde predomina a escassez dos recursos naturais que teve como resultado o caos socioeconômico.

Para dialogar com os fenômenos ecológicos e sociais apresentados nos romances, estamos utilizando os conceitos de Capitaloceno (MOORE, 2016, p. 02). Nessa teoria, o autor contra-argumenta o Antropoceno (CRUTZEN; STOERMER, 2000, p. 17) - termo utilizado para definir a nova era geológica, teoria essa que argumenta sobre os efeitos antrópicos documentados como grandes forças capazes de refletirem modificações no planeta. MOORE propõe, primeiramente, reverter a lógica simplista de considerar o *Antropos* como uma única espécie, um ator coletivo, pois o ser humano não age conjuntamente. Em vez disso, ele argumenta que o sistema econômico capitalista é o articulador de uma nova forma de organização da natureza e estabelecedor das novas relações entre homem-trabalho e natureza (2015, p. 174-175). Para MOORE (2016, p. 81) não há só uma troca de vocabulários, ir da era *Antropos* para a era do Capital, mas sim a adoção de uma nova perspectiva: responsabilizar os capitalistas pelas mudanças climáticas e outras alterações geológicas.

Posto isso, o conceito de Capitaloceno auxilia na compreensão de como as práticas capitalistas de exploração de recursos naturais até seu esgotamento, desigualdade social e degradação ecológica se materializam no caos eco social. O romance explicita quais são os recursos de sobrevivência criados pela protagonista para driblar as estruturas de dominação capitalista em uma jornada de resistência e transformação sistêmica. Nesse romance, a crise das práticas de exploração de recursos naturais até seu esgotamento se materializa no mundo de Lauren, onde muitas pessoas na Terra não têm dinheiro para água, comida, um teto e a solução para tudo tornou-se a violência (BUTLER, 2018, p. 28).

As obras de BUTLER (2018-2019) nos convidam a transcender os medos e anseios contemporâneos que são projetados na obra para um futuro distópico e representam através do espaço psicológico, físico e social, como se reproduz a era do Capital. Os romances são apresentados em um futuro pessimista no qual os personagens precisam lutar para sobreviver criando estratégias para dar conta de uma era de instabilidade, escassez e devastação, onde o cenário é uma Califórnia de desigualdades sociais, um aquecimento global descontrolado e um

Estado impotente liberal (ou religioso no caso dos Talentos) tudo como resultado da exploração irresponsável de recursos naturais. As obras de Butler nos convidam a transcender os medos e anseios contemporâneos que são projetados na obra para um futuro distópico. .

O foco da dissertação é tornar explícita a materialização do caos ecológico e social presentes nos romances de Butler. Partindo desse pressuposto, ao analisar a conjuntura capitalocênica apresentada no romance, que repensa a dinâmica de relações entre o ser humano e a natureza construindo uma prática de exploração ilimitada, é correto afirmar o que ambos CLAEYS (2017, p. 498) e BERALDI (2019, p. 105) defendem: que as distopias melhor definem espírito de nossos tempos e as representações do futuro, porque estão conectadas diretamente com as ansiedades presentes das sociedades. Ao entendermos uma distopia como retrato de uma sociedade em que uma grande maioria sofre por resultado da ação humana (CLAEYS, 2017, P. 290), o Capitaloceno é distópico no sentido de que esses impactos ecológicos crescentes são causados pelo modo de produção capitalista que, atinge grupos sociais de maneira desigual. Temos por objetivo apresentar as análises que buscam observar como o conceito Capitaloceno se materializa nos espaços distópicos e analisar como a personagem do romance tenta ultrapassar as explorações do sistema.

2. METODOLOGIA

O presente resumo é um recorte da dissertação que está em desenvolvimento. O corporus está sendo composto por porções textuais retiradas das traduções de *A Parábola do Semeador* (BUTLER, 2018) e *A Parábola dos Talentos* (BUTLER, 2019) ambas realizadas pela editora Morro Branco. .O referencial teórico parte dos estudos de CRUTZEN E STOERMER (2000) para dar base à noção de Antropoceno, passam pelas reformulações de LEWIS E MASLI (2015) para chegar na conceituação de MOORE (2013; 2015; 2016) de Capitaloceno. Ainda, são utilizados os pesquisadores da área de distopia como CLAEYS(2017), SARGENT (2010) e MOYLAN (2000). A conversa entre os conceitos acontece a partir de uma análise das obras de BUTLER, para costurar esses conceitos e explicitar o resultado das ações capitalistas na vida de grupos marginalizados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos anos, nas mídias, aparecem cada vez mais notícias sobre desastres naturais e as consequências desses para a vida humana. Como exemplo, temos a pandemia de COVID-19 que se alastrou rapidamente pelo globo afetando mais de 270 milhões de pessoas*(colocar de onde tirei e qual data de hoje)¹, as fortes queimadas nos EUA e na EUROPA que aumentaram com as ondas de calor no Hemisfério Norte, e sem precisar ir longe, localizamo-nos no Brasil com os desmoronamentos de terra nas regiões norte do país. Todos esses acontecimentos deram força nas discussões ambientais de que as crises são resultado de um agente único, o Capitaloceno.

Apesar da dissertação não ter como foco nos eventos citados acima, eles conversam diretamente com as distopias de Butler na qual o sistema econômico vigente foi o principal responsável pelos danos colaterais ecológicos, sociais e

¹ Dados retirados de <https://dadoscoronavirus.dasa.com.br/>. Acessado por último em 17 de julho de 2022

econômicos estabelecidos no Século XXI. No mundo capitalocênico, a crise ecológica não é um efeito colateral inexplicável e aleatório, mas uma consequência orgânica lógica da natureza aos princípios e valores burgueses que emergem da necessidade histórica de exploração constante dos recursos naturais. Nos romances, é mostrada uma versão do que é tentar sobreviver sob o caos.

A Nova Califórnia de 2024 é um estado falido e não necessariamente no sentido econômico, mas no quesito de estar vulnerável nas escalas estruturais e sócio políticas. As autoridades e governos ainda existem, entretanto seu interesse principal é interno, mas não fazem além de cobrar taxas e comandar o exército que pouco atua nas ruas (BUTLER, 2018, p. 407). Além disso, o novo presidente liberal eleito em 2024, Donner, limita ainda mais a influência estatal suspendendo leis de garantia de salário mínimo ao trabalhador e suspende projetos e programas para entregá-los à iniciativa privada.

No primeiro romance, o desperdício excessivo de recursos naturais desenvolveu um espaço distópico onde todos estão contra todos, e a única maneira de manter-se minimamente seguro é murando os bairros e, se necessário sair de dentro das proteções, carregar armas é questão de sobrevivência, porque pessoas armadas morrem, mas desarmadas morrem mais (BUTLER, 2018, p. 52). Já o segundo romance, mostra como as forças conjuntas da religião, fanatismo, hierarquia e exploração além de cooperar para a destruição do meio ambiente, ameaçam a vida da maior parte da população, torturando, escravizando e/ou matando todos aqueles que vão contra o Estado.

Sem medidas políticas públicas e um estado inoperante, as disparidades entre ricos e pobres aumentaram. Uma parcela de pessoas consegue viver com segurança e abundância, enquanto uma pequena parte da população vive em comunidades isoladas, quando possuem um pouco mais de condição, mas a grande maioria das pessoas vivem sem teto, vulneráveis a todos os tipos de violência. Particularmente, mulheres, negros, latinos, asiáticos sofrem mais pelas injustiças sociais. Esses grupos, ficam mais suscetíveis ao uso de drogas; são mais negligenciados e escravizados, seja por dívida - em Semeador, ou por não aceitação da religião vigente - em Talentos. Exemplos... (apartheid econômico eu acho...)

Lauren cria um movimento de resistência que se torna uma ferramenta para (re)transformar tanto as relações humanas, mas também dos humanos com a Terra. Um sistema de crença que propõe como sua entidade maior a Mudança, ela batiza esse sistema de Semente da Terra (BUTLER, 2018, p. 100). Seu objetivo é instigar uma mudança interior espiritual para, em seguida, desenvolver uma transformação no sistema. O sistema de crenças combina a fé com ação e razão dando um propósito construtivo para seus membros pautado na colaboração entre membros. Não é somente uma religião centrada em uma divindade, mas na consciência de criar uma comunidade sócio e ambientalmente centrada construída à margem da sociedade em rupturas. O básico é aprender a moldar Deus, porque um Deus da inércia é seguido por fiéis em inércia. A Semente da Terra propõe constância na modificação (BUTLER, 2018, p. 324); sabedoria para educar e beneficiar sua comunidade e família (p. 324); consciência para resolver problemas e preparação para um solo novo: abandonar a terra-mãe (p.187). É mais centrado no poder de moldar Deus das pessoas do que propriamente uma fonte de esperança divina com promessas de paraísos.

A duologia mostra como a degradação ambiental causa dano nos sistemas sociais e políticos, principalmente com os grupos marginalizados. Há uma grande

lacuna na condição de vida entre ricos e pobres. Enquanto tem um grupo pequeno de pessoas ricas, há muitas "pessoas pobres, analfabetas, desempregadas, desabrigadas, sem saneamento básico decente ou água limpa" (BUTLER, 2018, p. 70), em sua maioria negras e latinas. Também, a impotência governamental, gerada pela ganância capitalista dos líderes, aumenta ainda mais essa lacuna. Enquanto ricos têm condições de manter serviços básicos de saúde, segurança e alimentação, pessoas pobres vivem em condições de miséria. Sem contar que ainda enfrentam falta de recursos, pois não há água em lugar algum; falta de oportunidades e acessos.

4. CONCLUSÕES

Em vista que a dissertação encontra-se em andamento, no presente momento, não há conclusões

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERALDI, F. **Depois do Futuro**. Ubu, 2019
- BUTLER, O. **A Parábola do Semeador**. Morro Branco: São Paulo, 2ed, 2018.
- BUTLER, O. **A Parábola dos Talentos**. Morro Branco: São Paulo, 2ed, 2019.
- CLAEYS, G. **Dystopia: A Natural History**. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. Global change newsletter. **The Anthropocene**, v. 41, p. 17-18, 2000.
- LEWIS, S. L.; MASLIN, M. A.; Anthropocene: Earth system, geological, philosophical and political paradigm shifts. **The Anthropocene Review**, v. 2, n. 2, 2015.
- MOORE, J. W. El auge de la ecología-mundo capitalista (I): las fronteras mercantiles en el auge y decadencia de la apropiación máxima. **Revista Laberinto** nº38: 2013a, 9-26.
- MOORE, J. **From Object to Oikeios Environment-Making in the Capitalist World-Ecology**. Artigo não publicado. Disponível em <<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.691.5540&rep=rep1&type=pdf>> Último acesso em 08 de novembro de 2021.
- MOORE, J. W. **Capitalism in the web of life: Ecology and the accumulation of capital**. Verso Books, 2015.
- MOORE, J. Antropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism. In: MOORE, J. (Ed.) **Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crises of Capitalism**. Oakland: Kairos, 2016, p. 1-11.
- MOORE, J. The Rise of Cheap Nature. In: MOORE, J. (Ed.) **Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crises of Capitalism**. Oakland: Kairos, 2016, p. 78-115.
- MOORE, J. (Ed.) **Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crises of Capitalism**. Oakland: Kairos, 2016, p. 116-137.
- MOORE, J. The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis. **The Journal of Peasant Studies**: v. 44, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/03066150.2016.1235036>> último acesso 05 de novembro de 2021.
- MOYLAN, T. **Scraps of the Untained Sky**. Oxford Wesview Press, 2000.
- SARGENT, L. T. **UTOPIANISM: A VERY SHORT INTRODUCTION**. New York: Oxford University Press, 2010.